



N I E A B I

E VÓS ESTUDANTES, AQUILOMBEM-SE!

Autora: Isis Emanoela do Amor Divino Borges
Coautor: Dr. Marcelo Souza Oliveira



E VÓS ESTUDANTES, AQUILOMBEM-SE!

**Propostas para Engajar
Discentes nos NEABIs e
grupos correlatos:**

*Referências, práticas e afetos a partir
da experiência no NEABI/IFBA Jequié.*

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Ricardo Santos do Carmo Reis - CRB – 5ª / 1649

B732v Borges, Isis Emanoela do Amor Divino
E vós estudantes, aquilombe-se!: proposta para engajar discentes nos NEABIs e grupos correlatos: referências, práticas e afetos a partir da experiência no NEABI/IFBA Jequié/ Isis Emanoela do Amor Divino Borges; coautor: Marcelo Souza Oliveira.– Catu, BA, 2025.
28p.; il.: color
Produto Educacional (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, 2025.

1. Educação antirracista. 2. Aquilombamento estudantil. 3. NEABI. 4. Protagonismo discente. 5. Institutos Federais. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano. II. Oliveira, Marcelo Souza. III. Título.

CDU 37.043.2-054



Sumário

1. Apresentação	05
2. Contexto e Fundamentação	06
3. Práticas e Estratégias Adotadas no Projeto “E Vós Estudantes, Aquilombem-se!”	10
4. A Voz dos Estudantes: O que Atrai, o que Acolhe, o que Fortalece.	15
4.1. O que faz sentido para nós?	15
4.2. O que nos afastava e o que nos fez ficar?	19
4.3. O que precisa mudar nas instituições?	23
5. Recomendações para os NEABIs e grupos correlatos das Instituições de Ensino.	26
Referências	27



1. Apresentação

Este documento tem como objetivo apoiar a criação e o fortalecimento de estratégias para atrair e manter estudantes nos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABIs) e em grupos correlatos de qualquer instituição de ensino. De caráter orientador, foi elaborado especialmente para servidores/as, docentes, técnicos/as e integrantes desses coletivos, reunindo referências teóricas, experiências bem-sucedidas e recomendações construídas a partir da escuta atenta de estudantes.

A proposta deste documento nasce da experiência vivida no NEABI do Instituto Federal da Bahia - *Campus* Jequié, especialmente a partir do projeto de intervenção intitulado "E Vós Estudantes, Aquilombem-se no NEABI do IFBA - Jequié, pois tudo que noiz tem é noiz!". Realizado entre 2024 e 2025, o projeto teve como propósito central ampliar o aquilombamento de estudantes no núcleo, fortalecendo vínculos de pertencimento, engajamento e coletividade. Para isso, apostou no protagonismo discente como prática antirracista e omnilateral, mobilizando metodologias participativas e uma escuta crítica e afetiva dos sujeitos envolvidos.

O conteúdo deste material foi construído a partir das vozes dos/as estudantes que participaram do projeto. Suas falas, percepções e afetos revelaram tanto os caminhos que os/as aproximam do NEABI quanto os desafios que ainda afastam muitos de seus pares. As análises e recomendações aqui reunidas, portanto, não são apenas resultados de pesquisa: são também expressão de uma prática educativa insurgente e comprometida com a construção de uma escola antirracista e omnilateral.

Mais do que um manual de boas práticas, este documento se pretende uma ferramenta de diálogo e mobilização, capaz de inspirar ações em diferentes territórios, respeitando suas singularidades, mas reconhecendo a urgência comum de construir espaços de pertencimento, resistência e reexistência nas instituições de ensino brasileiras. Que este material possa contribuir para que mais estudantes negros, negras e indígenas encontrem nos NEABIs e ou grupos correlatos não apenas um espaço de fala, mas também um território de afeto, escuta, formação e luta.

2. Contexto e Fundamentação



A educação antirracista se configura como um compromisso ético e político com a superação do racismo estrutural que perpassa os espaços escolares. Ela se apoia na valorização das identidades e histórias negras e indígenas, promovendo rupturas com a lógica eurocentrada que historicamente silenciou essas vozes. Mais do que inserir conteúdos nos currículos, a educação antirracista exige a desconstrução de práticas pedagógicas hegemônicas e a criação de espaços educativos que reconheçam o saber como expressão de pertencimento, luta e reexistência dos povos racializados. Como defendem bell hooks (2017) e Paulo Freire (2011), essa prática educativa só se realiza verdadeiramente quando está enraizada no afeto, na escuta e na construção de coletividades insurgentes.

A perspectiva da educação omnilateral, baseada em Marx (2013), e nas contribuições de Gramsci (2001) e Manacorda (2007, 2019), defende uma formação humana integral que articula trabalho, ciência, arte, política e sensibilidade. Em oposição à lógica que fragmenta o conhecimento e trata o ensino técnico de forma meramente instrumental, a educação omnilateral propõe uma formação que emancipa, transforma e prepara os sujeitos para agir de forma crítica no mundo.

Ambas as perspectivas educacionais convergem na luta pela superação das contradições estruturais de uma sociedade marcada por desigualdades raciais e sociais históricas, articulando-se às políticas públicas que visam enfrentá-las, como as Leis n° 10.639/03[1] e n° 11.645/08[2], e a criação da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica pela Lei n° 11.892/2008[3].

No interior dessa rede, a proposta de uma educação omnilateral se materializa como uma alternativa contra-hegemônica, que rompe com a dicotomia entre formação técnica e formação cidadã e afirma o protagonismo estudantil como dimensão política da aprendizagem. É nesse contexto que os NEABIs ganham centralidade, atuando como instrumentos institucionais estratégicos no enfrentamento ao racismo e na promoção de uma formação crítica, integral e emancipadora da classe trabalhadora.

[1] Lei n° 10.639/03: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

[2] Lei n° 11.645/08: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm

[3] Lei n° 11.892/2008: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm



O racismo, como afirmam Almeida (2019) e Oliveira (2021), é estrutural e estruturante das relações sociais, políticas e econômicas no Brasil. Essa estrutura, historicamente construída desde a escravização de indígenas e africanos, produziu um modelo educacional eurocentrado que invisibiliza a história e a cultura da população negra e indígena. Assim, a luta por uma educação antirracista tem como premissa não apenas mudanças curriculares, mas uma ruptura epistemológica, como propõe Gomes (2012), baseada em um diálogo intercultural crítico e emancipador.

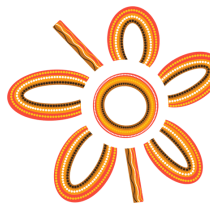
Nesse sentido, ambas as perspectivas educacionais – a antirracista e a omnilateral – se unem no horizonte comum de promover uma educação comprometida com a justiça social e racial. Elas exigem o rompimento com práticas escolares que reduzem os/as estudantes à condição de receptores passivos do conhecimento e defendem a criação de espaços pedagógicos onde cada pessoa seja reconhecida como sujeito histórico, ativo e protagonista da transformação social.

Nos Institutos Federais, esse protagonismo aparece em experiências insurgentes que, mesmo diante de contextos adversos, transformam a escuta, o afeto e a coletividade em práticas educativas poderosas. A vivência dos estudantes no NEABI/IFBA Jequié é exemplo dessa força. Em suas falas, os/as discentes revelam que ter acesso a uma formação que dialoga com suas histórias, dores e ancestralidades fortalece o sentimento de pertencimento e ressignifica suas trajetórias escolares, muitas vezes marcadas pelo silêncio, pela solidão e pelo racismo institucional.

Os NEABIs surgem como frutos das lutas históricas do Movimento Negro, Movimento Indígena e como uma resposta institucional às exigências das Leis n° 10.639/2003 e n° 11.645/2008, que tratam da obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena. Na Rede Federal, sua criação foi impulsionada, sobretudo a partir de 2008, com o fortalecimento das políticas de diversidade promovidas pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), e pelo Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

No Instituto Federal da Bahia – IFBA, os NEABIs foram oficialmente instituídos a partir da Resolução n° 31/2021[4]. Conforme esse documento, o NEABI é um órgão consultivo, propositivo e deliberativo, cuja missão é articular ações de ensino, pesquisa e extensão voltadas à educação das relações étnico-raciais e às políticas afirmativas.

[4] Resolução n° 31/2021: <https://portal.ifba.edu.br/institucional2/consup/resolucoes-2021/res-n-24-de-08-09-2021-aprovacao-da-politica-de-acoes-de-heteroidentificacao-complementar-a-autodeclaracao.pdf>

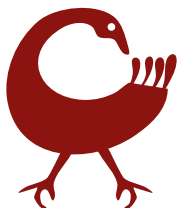


Os NEABIs são, portanto, mais do que espaços de debate: são territórios de escuta, acolhimento, construção de saberes e pertencimento. Constituem-se como núcleos de resistência ao projeto eurocêntrico e racista de educação, e como espaços estratégicos para a promoção de práticas pedagógicas antirracistas, interculturais e omnilaterais, em articulação com os sujeitos historicamente marginalizados. Como destacam Coutinho, Oliveira e Arruda (2023), os NEABIs não se limitam à função de núcleo de estudos, mas se projetam como espaços de produção de subjetividades insurgentes, de desobediência epistêmica e de enfrentamento à colonialidade do saber e do ser. Para as autoras: “A atuação dos/as intelectuais negros/as no NEABI/CPII, ao tensionar e desestabilizar a estrutura colonial da escola, amplia o conceito de intelectualidade e promove deslocamentos que atravessam a formação de estudantes, professores/as e da própria instituição” (Coutinho; Oliveira; Arruda, 2023, p. 7).

A experiência do NEABI enquanto prática política se articula, segundo elas, em quatro dimensões indissociáveis: político-institucional, político-pedagógica, político-epistemológica e político-identitária. Essa concepção amplia o entendimento dos NEABIs como espaços de subversão crítica, como territórios pedagógicos que promovem o “deslocamento de paradigmas” e possibilitam que as escolas se tornem “locais de vida, saberes e reexistências negras” (idem, p. 10).

Apesar de estarem presentes nas instituições, os NEABIs não garantem automaticamente que uma política antirracista aconteça de fato. Mesmo com os avanços nas políticas educacionais, o contexto institucional ainda impõe obstáculos significativos para a atuação desses núcleos. Os/as estudantes frequentemente desconhecem sua existência e, relatam que só tomaram conhecimento do NEABI ao participar de alguma atividade que parecia acontecer de forma isolada.

Além disso, os NEABIs enfrentam um processo contínuo de invisibilização dentro das próprias instituições. Mesmo quando conseguem incluir suas ações no calendário escolar, é preciso reafirmá-las o tempo todo para que sejam minimamente respeitadas e consideradas no planejamento das atividades escolares. A resistência de alguns/as docentes e gestores, a falta de apoio logístico, a negação de espaços físicos e a desvalorização simbólica das pautas étnico-raciais mostram como o racismo institucional continua se manifestando — às vezes de forma sutil, outras vezes de maneira escancarada — esvaziando o sentido político e pedagógico dessas iniciativas. Como



analisa Munanga (1999), o racismo no Brasil opera de modo dissimulado, sustentado por uma lógica que nega sua própria existência enquanto estrutura, o que dificulta o reconhecimento das desigualdades raciais como responsabilidade coletiva e institucional. Nesse cenário, a indiferença e a ausência de investimentos concretos comprometem não apenas a continuidade, mas também a legitimidade das ações promovidas pelos núcleos.

A sobrecarga dos/as membros, a dificuldade de compatibilizar as atividades dos núcleos com o calendário acadêmico e a fragilidade das políticas institucionais voltadas à valorização e ao cuidado desses espaços configuram-se como entraves persistentes à atuação destes núcleos. Quando existem, essas políticas são resultado de enfrentamentos e mobilizações constantes, muitas vezes protagonizados por servidores/as que integram os núcleos e atuam com poucos recursos, quase sempre acumulando funções e responsabilidades. Em geral, a inclusão de ações nos calendários institucionais demanda disputas permanentes com outros setores, em um contexto em que as pautas étnico-raciais, embora formalmente reconhecidas, continuam sendo tratadas como periféricas na dinâmica institucional.

Em meio a essa precarização, são os/as próprios/as estudantes que reconhecem a falta de apoio efetivo e apontam que o que mantém os NEABIs vivos é o afeto, a escuta e o compromisso político dos envolvidos. Assim, os núcleos seguem resistindo — não por força da estrutura, mas pela força da coletividade que os sustenta.

É justamente nesse cenário de desafios que os NEABIs se reinventam como espaços de reexistência cotidiana, movidos por afetos e enfrentamentos. Defender estes núcleos é defender a possibilidade de uma escola outra: um lugar onde vozes historicamente silenciadas não só ganham a palavra, mas também reinventam as formas de ensinar, aprender e existir. Para compreender como essa reinvenção acontece na prática, especialmente a partir das experiências do NEABI/IFBA Jequié, é importante conhecer as ações realizadas e os caminhos construídos de forma coletiva. É nesse contexto que surge o projeto “E Vós Estudantes, Aquilombem-sel!”, cuja construção, execução e avaliação serão apresentadas a seguir.

3. Práticas e Estratégias Adotadas no Projeto “E Vós Estudantes, Aquilombem-se!”



Inspirado nas experiências históricas dos quilombos como espaços de resistência coletiva, liberdade e reexistência, o conceito de quilombamento tem sido ressignificado por intelectuais, movimentos negros e educadores/as comprometidos com a luta antirracista. Como explica Bezerra (2023), a origem e o significado do termo, quilombar remete à ideia de reunir-se em quilombo, retomando uma estrutura social inspirada no modelo banto e resgatada no Brasil colonial a partir das formas de convivência construídas entre africanos, indígenas e brancos pobres, com forte caráter contra-hegemônico e plurirracial.

Aquilombar-se, no contexto escolar, significa criar redes de apoio, proteção, escuta e pertencimento, onde estudantes negros, negras e indígenas possam afirmar suas identidades, elaborar suas experiências e fortalecer sua atuação política. No âmbito dos Institutos Federais, quilombar-se é também um ato de insurgência contra o silenciamento, a solidão e o racismo estrutural. É reunir-se para transformar a escola em território de luta e afeto, em espaço educativo que acolhe, protege e forma para além do currículo formal.

Foi nessa circunstância que nasceu o projeto de intervenção “E Vós Estudantes, Aquilombem-se no NEABI do IFBA – Jequié, pois tudo que noiz tem é noiz!”. A proposta surgiu da escuta e da construção coletiva realizada durante dois encontros, realizados em outubro e novembro de 2024, que também marcaram a primeira etapa dos grupos de discussão desta pesquisa. Reunindo estudantes e professores/as membros do NEABI, os encontros tiveram como objetivo pensar, juntos, estratégias concretas para fortalecer o quilombamento discente no núcleo e ampliar a participação dos/as estudantes em suas atividades.

Mais do que simplesmente elaborar um plano, tratava-se de ativar a força política do NEABI como espaço de protagonismo, pertencimento e formação coletiva. Como destaca Legrand (1993, apud Villas Boas, 2010, p. 43), trabalhar com projetos é uma atividade intencional e coletiva, “assumida por todos os que com ela se envolvem”, com desenvolvimento flexível, objetivos pedagógicos e sociais e forte caráter colaborativo. Essa forma de pensar foi essencial para guiar a intervenção desenvolvida no NEABI/IFBA Jequié, reafirmando seu compromisso com a transformação coletiva e a construção compartilhada de significados.



As inquietações que nos moviam eram simples, mas profundas: como atrair mais estudantes para se aquilombar no NEABI? Por que tantos ainda não conhecem o núcleo ou, mesmo conhecendo, seguem distantes de um espaço que deveria ser, por natureza, de pertencimento, escuta e resistência? A resposta foi construída a muitas vozes e, a partir desse diagnóstico compartilhado, chegamos a um caminho possível: realizar uma ação interventiva durante a X Semana da Consciência Negra do IFBA Jequié (Seconji), evento já consolidado no campus, mas que até então mobilizava apenas parte da comunidade estudantil. Assim, a segunda etapa do projeto — sua execução — aconteceu em novembro de 2024, durante a Seconji. Optamos por inseri-la no coração do evento, promovendo uma virada metodológica: em vez de convidar especialistas externos, os/as estudantes seriam os/as protagonistas das atividades.

Essa decisão dialoga com a perspectiva de bell hooks (2017, p. 17), para quem “ensinar é um ato profundamente enraizado na esperança de que o aprendizado possa ser libertador.” Ao deslocar o lugar da fala e do saber para os próprios discentes, afirmamos uma prática educativa enraizada na escuta, na partilha e na confiança nos saberes construídos a partir das margens.

A Seconji, realizada em dois dias, foi pensada com intencionalidade para alcançar públicos distintos. No primeiro dia, à noite, participaram os/as estudantes do curso subsequente e de engenharia. No segundo dia, um sábado letivo pela manhã, o foco foi direcionado aos/as estudantes do ensino médio integrado. A divisão foi estratégica, garantindo que diferentes grupos pudessem participar com autonomia, visibilidade e escuta.

Foram definidas, com base nas sugestões coletivas dos encontros, três ações principais:

- **Estudantes como palestrantes:** membros e não membros do NEABI foram convidados/as a conduzir falas e rodas de conversa durante o evento, compartilhando suas vivências, saberes e trajetórias.
- **Monitores/as do evento:** estudantes membros do núcleo assumiram o papel de monitores/as da Seconji, vivenciando a responsabilidade coletiva de construir o evento em todas as suas etapas.
- **Minicurso ofertado por estudantes não membros:** essa ação buscou quebrar a lógica da centralidade docente, permitindo que discentes conduzissem um minicurso sob orientação de um/a professor/a membro do núcleo.



Tanto o tema da palestra quanto o do minicurso emergiram do diálogo entre estudantes e professores/as membros do NEABI, a partir de vivências em sala de aula. Além dessas ações, o evento contou com exibição de um documentário, oficinas e momentos de partilha que potencializaram vínculos afetivos, identitários e políticos. A Seconji transformou-se, nesse contexto, em uma espécie de quilombo – um espaço de intersecção entre ancestralidade, resistência e formação.

Os efeitos da intervenção puderam ser sentidos já nos dias seguintes ao evento: houve um crescimento expressivo na procura pelo NEABI por parte de estudantes que, até então, desconheciam ou não se sentiam pertencentes ao núcleo. As falas que antes vinham de poucos passaram a ecoar em muitas vozes. Diante disso, tornou-se fundamental escutar não apenas os/as integrantes antigos/as, mas também os/as novos/as estudantes que se aproximaram do NEABI após o projeto. Queríamos compreender o que os/as motivou a se aquilombar, o que os/as tocou, o que os/as acolheu. Por isso, organizamos um novo ciclo de encontros: para escutar, mais uma vez e agora com mais vozes, o que significou protagonizar essa intervenção.

A terceira etapa da intervenção ocorreu no mês de janeiro de 2025, com a realização dos grupos de discussão avaliativos. Participaram estudantes antigos e novos membros do NEABI, razão pela qual foram organizados dois grupos distintos: o primeiro, com estudantes que já faziam parte do núcleo antes da intervenção; o segundo, com os/as recém-chegados/as. Foram realizados dois encontros com cada grupo, buscando respeitar os tempos, experiências e trajetórias de cada um/a.

As perguntas utilizadas nesses encontros foram abertas e reflexivas, elaboradas a partir dos princípios de uma escuta crítica e dialógica. Procuramos provocar reflexões sobre educação antirracista, pertencimento, institucionalidade, resistências cotidianas e afetos partilhados. Como nos lembra Paulo Freire, “escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro” (Freire, 2010, p. 80). Neste caso, escutar os/as estudantes é reconhecer que são eles/as os verdadeiros produtores de sentido e potência no NEABI.

As questões variaram conforme os grupos:



Temática das perguntas	Grupo 01	Grupo 02
Sobre o NEABI e suas ações	• Como vocês descrevem o papel do NEABI no Campus? • Vocês percebem o NEABI como um espaço de resistência e fortalecimento? Poderiam explicar?	• Como vocês ficaram sabendo do NEABI e o que chamou a atenção de vocês no núcleo? • O NEABI já parece, para vocês, um espaço de resistência e fortalecimento? Por quê?
Sobre a instituição e o contexto	• Na visão de vocês, como o IFBA Jequié tem apoiado ou dificultado as ações do NEABI?	• Vocês percebem que existem desafios para estudantes negros e indígenas no IFBA? Quais são esses desafios? • Como vocês acham que o NEABI pode ajudar a superar esses desafios?
Sobre educação antirracista	• Como vocês entendem a "educação antirracista"? • O que vocês acreditam que o NEABI tem feito para promovê-la?	• O que vocês entendem por "educação antirracista"? • Como vocês imaginam que o NEABI pode promovê-la?
Sobre o projeto de intervenção	• Como foi a experiência de protagonizar as ações do NEABI, seja como monitor/a, palestrante ou em outras funções? • Vocês sentem que fazer parte do NEABI ajudou a fortalecer o senso de pertencimento e identidade? Por quê?	• O que motivou vocês a se tornarem membros do NEABI? • Vocês sentem que o NEABI pode fortalecer seu senso de pertencimento e identidade? Por quê?



Sobre experiências pessoais e coletivas	• Podem compartilhar experiências marcantes que vocês vivenciaram no NEABI? • Como a participação no NEABI pode influenciar sua identidade e senso de pertencimento como estudante negro/a ou indígena?	• Quais são suas expectativas em relação à participação no NEABI? • Como acham que o NEABI pode contribuir para sua trajetória pessoal e acadêmica?
Encerramento e reflexões finais	• Como vocês imaginam o futuro do NEABI e suas ações no Campus? • Há algo que gostariam de sugerir ou destacar como essencial para o fortalecimento do núcleo?	• O que vocês esperam do futuro do NEABI e de suas ações no Campus? • O que poderia ser feito para atrair mais estudantes para o NEABI?

A construção, execução e avaliação do projeto “*E Vós Estudantes, Aquilombem-se!*” demonstraram que, quando os sujeitos são colocados no centro do processo educativo — não como objetos de estudo, mas como protagonistas de sua própria história — a escola se transforma. O NEABI no IFBA Jequié, nesse processo, reafirma-se como território de afeto e luta, onde a educação antirracista e omnilateral deixa de ser discurso e passa a ser vivência.

É a partir dessa experiência vivida, construída coletivamente, que emergem as vozes dos/as estudantes. Suas falas revelam o que os atrai, o que os afasta e o que os fortalece no ambiente escolar. Escutá-las com atenção é reconhecer suas trajetórias e, ao mesmo tempo, aprender com o que elas têm a dizer — suas reflexões, seus afetos e suas lutas. A seguir, apresentamos fragmentos dessas vozes, que iluminam caminhos possíveis para a ampliação do aquilombamento discente nos NEABIs.

4. A Voz dos Estudantes: O que Atrai, o que Acolhe, o que Fortalece



Ouvir os/as estudantes é mais que registrar percepções: é compreender que suas experiências, dores e descobertas são constitutivas daquilo que realmente significa processo formativo – sobretudo quando se fala em uma educação que se propõe antirracista, crítica e transformadora da realidade. A escuta, neste caso, não é um recurso metodológico neutro, mas uma escolha política que questiona os lugares historicamente legitimados como produtores de saber e valoriza as vozes que, por tanto tempo, foram silenciadas pelas instituições escolares.

Nesta seção, o que se apresenta é o resultado de uma escuta atenta e comprometida com a construção coletiva de um ambiente educativo que não apenas fala de antirracismo, mas o incorpora cotidianamente em práticas, afetos e resistências. Cada fala aqui transcrita é mais do que um testemunho: é um gesto de existência e insistência.

Ao colocar os/as estudantes como protagonistas, buscamos entender o que os aproxima de espaços como o NEABI, o que os faz permanecer e o que ainda precisa ser transformado para que tais espaços se ampliem e se enraizem de maneira mais efetiva no cotidiano escolar. O que atrai? O que acolhe? O que fortalece? Estas perguntas orientam a construção desta análise, feita a partir das vozes daqueles e daquelas que, ao se verem reconhecidos, puderam finalmente se afirmar – e se aquilombar.

4.1. O que faz sentido para nós?

No espaço do NEABI, o protagonismo estudantil floresce não como exceção, mas como possibilidade cotidiana, concreta e vivida. O núcleo se afirma como território onde corpos historicamente subalternizados além de ocuparem o lugar, o reinventa – a partir da palavra, da escuta. É ali que, para muitos/as estudantes, emerge a consciência de que suas experiências, sentimentos e saberes são, sim, legítimos e valiosos.



As falas que surgem nos encontros não deixam dúvidas: fazer parte do NEABI é reencontrar-se com uma história negada, é descobrir-se sujeito de luta, é ressignificar o modo como se caminha na escola e no mundo. Para Tereza de Benguela, por exemplo, o primeiro passo rumo à construção de sua identidade negra foi dado ao se reconhecer na postura de mulheres negras que se impõem e resistem com firmeza:

“E eu cresci tentando entender, por que fulano de tal tem essa cor e eu tenho essa aqui [...] começava o povo a falar assim: ‘mas você é até bonitinha sabe, uma bolachinha, cor de bolachinha queimada’. Aí eu penso assim: ‘o que é a minha origem? O que é o meu povo?’. Quando eu cheguei aqui e assim, principalmente eu vi a senhora, [...] eu nunca tinha visto... [...] hoje eu tenho duas inspirações de mulheres negras que agem e se comportam como mulheres negras, minha tia e a senhora. E quando eu olhei assim e eu pensei: ‘Então é isso que é ser uma mulher negra’, que se impõe, que se defende quando tem algum ataque. Então eu preciso ser igual a essas duas inspirações.” **(Tereza de Benguela)**

Essa identificação — política, estética e afetiva — se revela transformadora. Ver-se representado em espaços de liderança e cuidado rompe o ciclo de deslegitimação tão comum nas instituições escolares. Como reforça Dandara dos Palmares ao rememorar sua participação no videoclipe Garota de Pele Marrom, exibido no II Julho das Amefricanas[5]:

“Pra mim foi um orgulho. Quando a gente gravou o clipe com as meninas, a gente viu a beleza de cada uma, cada uma tão linda, tão perfeita com a sua beleza... foi uma experiência única e inesquecível.” **(Dandara dos Palmares)**

A valorização da beleza negra é fundamental para que o seu reconhecimento se espalhe no coletivo e mude a forma como cada integrante passe a se enxergar. No NEABI, o espelho não distorce — mostra força e devolve encantamento às existências. É nesse movimento que os/as estudantes entendem que ter um lugar no mundo é um direito. Milton Santos relata:

“Eu acho que quando eu fui um dos convidados pra falar no último evento, junto com os alunos da turma XXX. Eu fiquei surpreso, né? Tipo, nos chamaram pra a gente contar a nossa história? O meu lugar de fala importa? [...] A gente também faz parte das coisas que acontecem, a gente também é agente de mudança.” **(Milton Santos)**

[5] Julho das Amefricanas: Evento realizado pelo NEABI para homenagear o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, que é celebrado anualmente em 25 de julho.



Sentir-se parte de algo maior, perceber que a própria história é digna de ser contada, produz uma mudança profunda. Para João Cândido, o NEABI é esse lugar onde a construção da identidade negra ganha corpo e sentido, justamente porque não é vivida de forma solitária:

“Eu acho que sim, pró, porque quando a gente fala de se descobrir como negro, a gente está falando de estar no NEABI, sabe!? Então não vai ser algo só meu, eu não vou estar falando sozinho, tentando me conhecer, me assumir como pessoa negra. São mais pessoas que entendem a minha situação, que sabem o que eu passo como pessoa negra, sabe!? E que elas já passaram também. Eu acho que isso é interessante porque você não se sente sozinho.” (João Cândido)

Esse sentimento de pertencimento político e afetivo se estende à vontade de transformação social. Para Jorge Lafond, o NEABI é um lugar de reinvenção da sociedade:

“Eu espero do NEABI não só pra mim quanto para as outras pessoas, que possamos ajudar outras pessoas a se auto identificar, primeiramente, e que todas as ações do NEABI possam contribuir e somar com este projeto, e trazer ideias e fazer uma nova revolução na sociedade.” (Jorge Lafond)

Nesse contexto, revolucionar é reconstruir vínculos com a própria história. Como nos conta Nego Bispo, o envolvimento com o núcleo despertou um interesse que antes lhe parecia distante:

“Eu entrei no NEABI com o intuito de aprender mais sobre a minha cultura. Era uma coisa que eu tinha muito pouco conhecimento, também eu nunca tive tanto interesse assim. Eu vim ter mais interesse a partir do NEABI, então as minhas expectativas com o NEABI é justamente isso: aprender mais sobre mim mesmo e ajudar outras pessoas a se entender.” (Nego Bispo)

Chiquinha Gonzaga sintetiza esse processo como uma educação para o pertencimento:

“Aprender sobre a própria cultura é conhecimento, território, é repertório de vida mesmo do que a gente é. É pertencimento. Eu acho que o NEABI contribui muito com isso, seja na nossa vida acadêmica ou pessoal.” (Chiquinha Gonzaga)



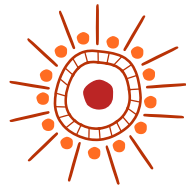
O reconhecimento de si através do outro, que marca tantos dos relatos anteriores, também é evidenciado por Nise da Silveira, estudante branca que escolheu se engajar nas ações do NEABI, movida pela escuta e pelo afeto. Em sua fala, ela reconhece o papel transformador do exemplo e do vínculo como impulso para o engajamento solidário:

“Eu achei muito importante porque a primeira vez que eu ouvi um discurso como esse foi com a senhora, lá em 2023, e aí veio Nego Bispo, e eu pensei: ‘poxa! É tão lindo ver alguém se identificando, se amando e incentivando outros, né?’. Então eu queria entrar no NEABI, mesmo que não seja pra mim, mas pra eu ajudar outras pessoas a se reconhecerem negras, incentivar outras pessoas também, porque o que move o ser humano são as experiências das outras pessoas.” (Nise da Silveira)

O que faz sentido para os estudantes, portanto, é aquilo que lhes foi negado por tanto tempo: o direito de existir com dignidade, de ser ouvido, de ser espelho e ser espelhado. O NEABI, nesse cenário, mais do que oferecer atividades – oferece nome, oferece quilombo. E isso transforma – não apenas os sujeitos, mas também os modos de estar e existir na escola.



Ilustração inspirada nos registros audiovisuais dos encontros dos grupos de discussão.



4.2. O que nos afastava e o que nos fez ficar?

As barreiras que afastam estudantes negros/as e indígenas dos espaços escolares não são invisíveis, tampouco neutras. São construídas e sustentadas historicamente por práticas institucionais de exclusão, por currículos silenciadores e por relações pedagógicas marcadas pelo racismo, pelo despreparo e pela negligência afetiva. Antes de ser um espaço de acolhimento, a escola, para muitos, foi lugar de dor – e o cotidiano era atravessado por agressões que iam do comentário “brincalhão” ao ataque direto, como narra Tereza de Benguela:

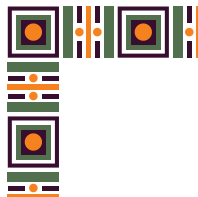
“Um menino me abraçou e começou a me xingar de tudo, que eu era uma macaca, muito baixa, que minha pele era muito escura... E aí, por mais que eu tentava me desvencilhar da pessoa, ela me abraçava mais e xingava mais. [...] Na hora eu fiquei assim: ‘Aconteceu mesmo ou eu estou sonhando?’” (Tereza de Benguela)

Essas violências não são casos isolados. São sintomas de uma estrutura que nega o valor e a presença de sujeitos racializados, sobretudo quando a escola não reconhece suas identidades, saberes e trajetórias. Mas, como Tereza também afirma, é possível interromper esse ciclo – e foi no NEABI que ela encontrou ferramentas para isso:

“Antes de entrar aqui no IFBA, eu não sabia como me defender, ia pra casa chorando. Mas agora que eu entrei no NEABI [...] eu vi e aprendi mais como rebater, como me defender de ataques racistas.” (Tereza de Benguela)

O NEABI, portanto, não apenas oferece proteção simbólica; ele forma sujeitos para enfrentar as estruturas que os violentam. A transformação que ocorre ali se dá no encontro com o/a outro/a, na partilha de experiências que curam feridas e alimentam resistências. Como expressa Juliano Moreira:

“Inclusive como um grupo de apoio mesmo, por exemplo, quando uma escola que não tenha um grupo ou eventos, espaços destinados a isso, em casos de racismo as pessoas certamente vão se sentir reprimidas, elas vão se reprimir, enquanto que uma escola, como aqui no IFBA, que tem um espaço desse é mais aberto pra receber, apoiar.” (Juliano Moreira)



Esse acolhimento não acontece de forma autoritária ou imposta — ele nasce do afeto e da escuta entre iguais. É na convivência do dia a dia, nas trocas sinceras e nos laços criados dentro do grupo que a gente começa a desfazer as distâncias que a história impôs. Tia Ciata conta que foi justamente uma relação de parceria, construída enquanto era monitora de uma oficina, que mudou a forma como ela vivia e se sentia dentro do NEABI:

“E aí você vai criando intimidade com as pessoas, com a pessoa que fica na monitoria, eu fiquei na dupla com Dandara [...]. A gente ficou na oficina de trança, ficamos conversando horas sobre as tranças.” (Tia Ciata)

Há, nessas relações, uma pedagogia do cuidado. Uma forma de educar que não tem medo do afeto, porque entende que ele também é uma força que transforma e movimenta a luta. Como sintetiza Dandara dos Palmares:

“É tipo um quarto, que tipo assim, você chega em casa e eu quero ir logo pro quarto, um lugar de conforto. E acolhedor. Eu acho que o NEABI é isso.” (Dandara dos Palmares)

Mas essa experiência coletiva de pertencimento não é igual para todos/as. Em alguns casos, o afastamento vem de conflitos internos à própria população negra, especialmente quando o colorismo impõe dúvidas sobre quem “pode” ou não reivindicar identidade racial. A fala de Yvonne Lara explicita essa ferida:

“Minha tonalidade de pele é um pouco mais clara, tem gente negra que me diz que eu não sou negra, aí chega uma pessoa branca e fala que eu sou negra. Aí você fica com aquilo: ‘Eu pertenço então a que parte? Eu fico aonde?’” (Yvonne Lara)

Apesar das contradições, o NEABI segue como espaço de escuta e reconstrução. Ruth de Souza ressalta que, mesmo com a resistência de muitos, há aqueles que se permitem transformar:

“Por mais que tenha muita gente com a mente fechada, também tem muita gente disposta a mudar a mentalidade. Então esses eventos são importantes para que essas pessoas entendam que estão pensando de uma forma errada.” (Ruth de Souza)

Esse movimento de escuta e transformação é também o que motiva Maria Firmina dos Reis a permanecer e se engajar cada vez mais:



“Acho que sempre existiu em todos nós aqui, aquela coisa, aquele sentimento de que a gente pode estar fazendo mais: ‘Eu quero estar nessa causa, eu quero estar nessa luta’. Eu também quero fazer parte dessa mudança.” (Maria Firmina dos Reis)

E Maria Tomásia complementa ao destacar o valor de se enxergar nas histórias compartilhadas:

“Eu acho que muita gente também não sabia da história antes de ser mostrada [...]. É importante a gente saber, se reconhecer, e que às vezes a gente não tem nem noção.” (Maria Tomásia)

Antonieta Barros reforça o que se repete em várias falas: ser acolhido é também ser reconhecido como alguém digno de escuta e afeto:

“Aceitação é muito importante, principalmente para pessoas negras mesmo. É que é tanta coisa que acontece na vida...” (Antonieta Barros)

Chiquinha Gonzaga, uma estudante negra de pele clara que, por atualmente estar com os cabelos alisados, carrega o que chamamos de passabilidade – podendo facilmente ser lida socialmente como branca – também compartilha uma dúvida que, segundo ela, já havia atravessado outros colegas:

“Será que o NEABI não é só pra pessoa negra? Pra indígena? Até eu já tive esse pensamento, tanto que eu ficava com vergonha de falar com a senhora”. (Chiquinha Gonzaga)

Maria Tomásia confirma a sensação com um gesto de concordância, ao que Chiquinha acrescenta:

“Aí! Até Maria Tomásia está concordando com o que eu estou falando, de ter ficado com vergonha. Mas a forma como a senhora me acolheu abriu a minha mente, tipo, poxa, mas todo mundo pode fazer a diferença”. (Chiquinha Gonzaga)

Na sequência, Nise da Silveira complementa:

“É essa a questão, você não precisa ser, você pode ajudar quem é a se reconhecer”. (Nise da Silveira)

Vale destacar que Maria Tomásia, assim como Nise da Silveira, é uma estudante branca. O reconhecimento das duas de que também têm lugar no NEABI – não como protagonistas da luta, mas como aliadas – ajuda a evidenciar como o espaço pode se constituir como um coletivo plural, onde a presença branca é convocada à responsabilidade e ao compromisso com a causa antirracista.



Esse diálogo evidencia como o acolhimento e a escuta sensível desarmam barreiras iniciais, abrindo espaço para que o pertencimento seja construído coletivamente e para que o NEABI seja compreendido como um lugar de atuação partilhada, onde cada sujeito, independente da identidade étnico-racial, pode contribuir para a luta antirracista.

Esse ambiente de confiança se transforma em ações concretas, – mobilizar, participar e chamar outros/as colegas para estarem juntos/as:

“Essa receptividade de todo mundo deixa a gente com mais vontade de fazer, de participar, de chamar as pessoas.” (Maria Firmina dos Reis)

Grande Otelo encerra esse percurso com uma fala que traduz com precisão o que o NEABI oferece: consciência, nome e espelho:

“Eu acho que também, isso é importante, não só para as pessoas de fora, para os brancos, mas também pra gente. Porque, antes de vir aqui pro IFBA, eu via passar na televisão casos de racismo e tudo mais, e eu não ligava que aquilo era pra mim também. Eu vim abrir meus olhos e cair a ficha depois daqui do IFBA, [...] do NEABI, que foi quando eu comecei a entender: caramba, eu sou preto, eu também posso sofrer isso.” (Grande Otelo)

O que nos afastava era a invisibilidade. O que nos faz ficar é o reconhecimento. Onde antes havia silenciamento, o NEABI permite a palavra; onde havia solidão, ele constrói comunidade. O que antes feria, hoje encontra possibilidade de cura – não como esquecimento, mas como resistência coletiva.



Ilustração inspirada nos registros audiovisuais dos encontros dos grupos de discussão.



4.3. O que precisa mudar nas instituições?

Se há acolhimento no NEABI, há também denúncia. Ouvir os/as estudantes é entender que, além das experiências de pertencimento e fortalecimento vividas no núcleo, existe um contexto institucional que muitas vezes caminha na contramão da educação antirracista. O que surge dos encontros do grupo de discussão não é apenas um balanço sobre as ações do NEABI, mas um importante diagnóstico sobre os limites e ausências das escolas na construção de uma formação realmente comprometida com a dignidade negra e indígena.

A sensação de que o apoio institucional ao núcleo é muitas vezes superficial — ou mesmo forçado — aparece em diferentes falas, como a de Dandara dos Palmares:

“Eu vou ser sincera, eu acho que eles acolhem porque têm que acolher, é um acolhimento forçado.” (Dandara dos Palmares)

A resistência em reconhecer a centralidade da luta antirracista na formação cidadã também foi alvo de crítica. Dandara destacou que, para alguns docentes — especialmente das áreas técnicas —, essa pauta ainda é tratada como “menos importante”. *“Eu já vi um professor ficando muito irritado, um professor da área técnica, porque teve que liberar os alunos pra assistir as palestras. Ele ficou pirado da vida, porque a aula dele é mais importante.” (Dandara dos Palmares)*

Esse desprezo pela dimensão formativa das ações do NEABI não se limita ao corpo docente. Ruth de Souza observa que a ausência de obrigatoriedade na participação em eventos relacionados à pauta racial contribui para um descompromisso generalizado:

“Tem muitos professores que, por não ser obrigatório participar dos eventos do NEABI, não comparecem, não fazem questão de estar lá.” (Ruth de Souza)

Antonieta Barros amplia essa crítica ao lembrar que a banalização das temáticas é também perpetuada por estudantes e demais servidores/as:

“Tem muitas vezes também que alunos e servidores veem o tema da palestra e pensam: ‘Ah, não vou, não é importante.’ Tratam como se não fosse importante.” (Antonieta Barros)

Nesse contexto, o que está em jogo é a necessidade urgente de repensar o lugar da educação antirracista dentro das instituições. Como aponta Milton Santos, a escola não pode mais se limitar ao ensino conteudista:



"A escola não é só um lugar conteudista, de matemática e cálculo, mas de formação de cidadão. Então esses momentos são fundamentais."
(Milton Santos)

Chiquinha Gonzaga reforça essa perspectiva ao denunciar o eurocentrismo curricular que ainda predomina:

"A gente estuda a Europa, o descobrimento da América, sobre o Brasil a gente só vai estudar um pedacinho. [...] Educação antirracista é isso também: é a gente valorizar e combater a visão eurocêntrica."
(Chiquinha Gonzaga)

Para Jorge Lafond, essa exclusão curricular se traduz em um apagamento deliberado das matrizes africanas e indígenas que fundamentam a cultura brasileira:

"Nosso país é uma mistura, a gente faz parte de uma miscigenação gigantesca, [...] mas deixa de olhar a nossa principal influência: os povos originários, que têm muitos de seus valores e princípios a nos ensinar e muitas das vezes são apagados e esquecidos na história." (Jorge Lafond)

As críticas também foram direcionadas ao modo como a escola lida com situações de violência racial dentro de seus próprios muros. A saída de uma professora negra, em meio a conflitos marcados por preconceito, foi lembrada com indignação. Milton Santos relata:

"Teve gente que publicamente gritava no corredor, comemorando. Uma falta de respeito total, sendo que isso tinha acontecido por uma série de conflitos e muito preconceito." (Milton Santos)

Dandara aprofunda essa denúncia ao evidenciar a ausência de responsabilização institucional:

"Por que o IFBA não procurou saber quem são os criminosos, já que racismo é crime? [...] Eu acho muito repugnante porque as pessoas que atacaram a professora estão agora provavelmente assistindo aula, e a professora pode agora estar desempregada." (Dandara dos Palmares)

Diante desse cenário, os estudantes compreendem que não basta apenas se manterem em espaços como o NEABI — é preciso também confrontar a estrutura institucional, visibilizar as lutas e pressionar por mudanças efetivas. Milton sugere:

"Eu acho que o NEABI podia ter até uma conta no Instagram onde a gente pudesse se manifestar enquanto membro. Publicar artigo de opinião, nota de repúdio, pra mostrar que a gente está ativo." (Milton Santos)



Essa urgência em se manter em movimento é compartilhada por outras vozes. Tereza de Bengela sintetiza essa necessidade de seguir atuando, mesmo diante da inércia institucional:

“Eu tenho certeza que o NEABI é muito necessário, porque é núcleo de resistência. Enquanto a gente estiver aqui, a gente vai falar sobre isso, doa a quem doer. Pelo menos a gente vai avisar pra todo mundo e também vai ensinar pra pessoas negras e de classe mais desfavorecida, como nós, a se defender diante da vida. Porque o racismo tá aí toda hora.” (Tereza de Bengela)

O que precisa mudar nas instituições, segundo os/as próprios/as estudantes, é o reconhecimento de que a educação antirracista não pode ser tratada como algo periférico, optativo ou episódico. Ela precisa atravessar as práticas pedagógicas, os currículos, as políticas de permanência, os espaços de poder e o cotidiano escolar. A luta não é apenas por atividades, por eventos ou por reconhecimento simbólico — é por uma escola onde a dignidade negra e indígena seja assegurada como base de um projeto educativo verdadeiramente democrático. O NEABI, ao mesmo tempo em que acolhe, revela: ainda há muito a ser transformado. E quem ouve com atenção as vozes dos estudantes, sabe por onde começar.



Ilustração inspirada nos registros audiovisuais dos encontros dos grupos de discussão.

5. Recomendações para os NEABIs e grupos correlatos das Instituições de Ensino



As falas dos/as estudantes não se limitaram à denúncia: nelas também emergiram caminhos possíveis e proposições concretas para que os NEABIs e grupos correlatos se fortaleçam como territórios de afeto, resistência e formação. Transformar essas vozes em recomendações é reconhecer que o núcleo não é apenas espaço de vivência, mas também de formulação coletiva de estratégias.

Primeiro, é urgente ampliar a visibilidade institucional destes núcleos. No caso do NEABI do IFBA Jequié, muitos/as estudantes só conheceram o núcleo por meio de eventos, o que revela a necessidade de presença cotidiana na vida escolar. Criar canais de comunicação ativos — como redes sociais, murais físicos e participações regulares nas salas de aula — pode romper a lógica da invisibilidade e afirmar o núcleo como parte integrante da experiência formativa.

Também é essencial fortalecer as práticas de acolhimento. Chegar a um espaço onde a existência não precise ser justificada é, para muitos, uma experiência inédita e reparadora. Esse cuidado não pode ser eventual: precisa estar inscrito na metodologia do núcleo, reconhecendo o afeto, a escuta atenta e o respeito aos tempos de cada um como eixos estruturantes de qualquer ação antirracista.

Outro caminho apontado é garantir e expandir o protagonismo estudantil. Ser convidado/a a falar, mediar, conduzir oficinas ou assumir responsabilidades no núcleo redefine o modo como o/a estudante se vê na instituição. Por isso, o protagonismo não deve ser exceção ou prêmio, mas princípio permanente, atravessando todas as atividades.

As vozes também alertam para a necessidade de respostas firmes diante do racismo. Não basta o acolhimento simbólico: é preciso que as instituições atuem com clareza e celeridade, investigando e responsabilizando práticas racistas. Protocolos transparentes e campanhas educativas permanentes são passos indispensáveis para que a escola não se cale diante da violência.



Por fim, é imprescindível ampliar o envolvimento dos/as profissionais da educação, sejam eles/as, docentes, técnicos/as administrativos/as e ou terceirizados/as. A educação antirracista não é tarefa isolada do núcleo: é um compromisso coletivo que precisa ser assumido na formação continuada, no planejamento pedagógico e na prática cotidiana de todos os segmentos institucionais. A legitimidade do núcleo depende, também, de que sua pauta seja incorporada como parte central do projeto político pedagógico da instituição.

Que essas recomendações sejam compreendidas não como lista de tarefas, mas como um chamado à corresponsabilidade. O fortalecimento dos NEABIs e grupos correlatos requer tanto a coragem de enfrentar estruturas arraigadas quanto a delicadeza de cultivar vínculos. Entre o gesto de acolher e o ato de resistir, constrói-se a possibilidade de uma escola aquilombada, viva e comprometida com a dignidade negra e indígena. Como disse Maria Firmina dos Reis: *“Acho que sempre existiu em todos nós aqui, aquela coisa, aquele sentimento de que a gente pode estar fazendo mais: ‘Eu quero estar nessa causa, eu quero estar nessa luta’.”*

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.

BEZERRA, Nilton Xavier. O NEABI IFRN: amefricanidade e práticas pedagógicas quilombistas para uma formação humana integral na educação profissional e tecnológica. 2023. 241 f. Tese (Doutorado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

COUTINHO, Gabriela dos Santos; OLIVEIRA, Talita de; ARRUDA, Dyego de Oliveira. Insubordinações críticas da intelectualidade negra brasileira: um olhar a partir da atuação do NEABI/CPII. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 39, e41586, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-469841586>. Acesso em: 01 de agosto de 2025.



FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico Raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere, vol. 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MANACORDA, Mario Alighiero. Marx e a pedagogia moderna. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

MANACORDA, Mário Alighiero. O princípio educativo em Gramsci. 3ª ed - Campinas, SP: Editora Alínea, 2019.

MARX, K. O Capital - Livro I - crítica da economia política: O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. 5. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019

OLIVEIRA, Dennis. Racismo Estrutural: uma perspectiva histórico-crítica. São Paulo: Dandara Editora, 2021.

VILLAS BÔAS, B. M. F. Projeto interventivo no Bloco Inicial de Alfabetização no Distrito Federal. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 10, n. 39, 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/artic le/view/4084/3292> Acesso em: 04 de agosto de 2025.



N E A B I

Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas

